

Os paralelos de Plutarco: Demóstenes e Cícero

Maria Aparecida de Oliveira Silva
Labham/UFPI
maosilva25@gmail.com

RESUMO: As comparações formam um conjunto à parte na narrativa biográfica de Plutarco, pois a crítica às ações de suas personagens se torna mais incisiva, porque já conhecemos o fim de suas vidas. No entanto, a comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*) estabelecida por Plutarco não coteja somente os feitos de seus biografados; o sentido de “combinação” que a palavra tem lhe permite compor paralelos que combinem personagens de contextos distintos, mas com atuações que se assemelham no campo político. Os paralelos plutarquianos nos trazem informações e reflexões nem sempre expostas nas biografias de suas personagens. Por isso, é importante analisar a comparação de Demóstenes e Cícero, como um estudo de caso, para compreender sua estrutura e as escolhas feitas por Plutarco na tessitura de sua narrativa. Desse modo, é necessário entender a complexidade de seus paralelos, que não foram escolhidos aleatoriamente, todos dialogam entre si em diversos planos, portanto, passíveis de múltiplos níveis de comparações entre si. Nosso propósito é discorrer sobre a natureza das comparações plutarquianas de Demóstenes e Cícero neste artigo a partir de elementos manifestos nessa composição.

Palavras-chave: Plutarco; Vidas Paralelas; Demóstenes; Cícero; comparações.

The Plutarch's parallels: Demosthenes and Cicero

ABSTRACT: The comparisons form a separate set in Plutarch's biographical narrative: since we already know the end of their lives, the criticism of his characters' actions becomes more incisive. However, the comparison (σύγκρισις/*sýnkrisis*) established by Plutarch serves not only to compare the deeds of those who are his biography objects: the sense of "combination" that the word “comparison” has allows the Greek author to compose parallels that combine characters from different contexts, but with performances that are similar in the political field. The Plutarch's parallels bring us information and thoughts not always exposed in the biographies of his characters. Therefore, it is important to analyze the comparison between Demosthenes and Cicero, as a case study, to understand its structure and the choices made by Plutarch in the weaving of his narrative. It is also valuable to understand the complexity of his

parallels, which were not chosen randomly, all which dialogue with each other on several levels, and are therefore subject to multiple levels of comparison with each other. In this paper, our purpose is to discuss the nature of the Plutarch's comparisons between Demosthenes and Cicero, observing manifest elements in this composition.

Keywords: Plutarch; parallels lives; Demosthenes; Cicero; comparisons.

1. A escrita biográfica de Plutarco

As biografias plutarquianas resultam de uma amálgama de informações recolhidas de diversas fontes. Plutarco utiliza dados de relatos escritos e orais, além da cultura material, como estátuas, relevos, inscrições, monumentos, entre outros, para elaborar suas biografias. Dentre os escritos, encontramos citações retiradas de todos os gêneros literários produzidos na antiga Grécia, dado que torna Plutarco uma fonte considerável de fragmentos de autores e obras desconhecidas por nós. O uso de distintos gêneros leva o leitor a identificar em sua escrita a presença de elementos trágicos, cômicos, líricos, históricos, mas principalmente, filosóficos. Plutarco não dissocia a história da filosofia e sua composição biográfica não se separa dessa premissa: a história e o modo de vida de seu biografado são narrados sob o olhar em relação a suas ações, que se materializam nos fatos, e aos seus pensamentos, que antecedem seus atos e, portanto, são decisivos no campo da história. A precisão e a eficiência dos pensamentos de seus biografados são avaliadas positivamente na medida em que se dedicaram ao estudo da filosofia antecedida por uma formação básica que é a educação grega (παιδεία/*paideía*).

A narrativa biográfica de Plutarco segue a estrutura básica do gênero, ou seja, começa narrando fatos relacionados à origem e ao nascimento de sua personagem, depois narra fatos importantes de sua vida e relatos sobre o seu modo de vida e se encerra com os acontecimentos que antecederam sua morte, bem como as circunstâncias em que esta ocorreu. Como destacou Pelling (1988, p. 257), a infância representa um aspecto importante na leitura plutarquiana do caráter de seu biografado, pois é a fase de sua vida em que recebe a educação que irá norteá-lo pelo resto de seus dias. No entanto, percebemos que Plutarco se preocupa primeiro com a origem de seu biografado, que é decisiva para a formação de seu caráter, como lemos a seguir:

Τί τις ἂν ἔχοι εἰπεῖν περὶ τῆς τῶν ἐλευθέρων παίδων ἀγωγῆς καὶ τίνι χρώμενοι σπουδαῖοι τοὺς τρόπους ἂν ἀποβαῖεν, φέρε σκεψώμεθα. Βέλτιον δ' ἴσως ἀπὸ τῆς γενέσεως ἄρξασθαι πρῶτον. τοῖς τοίνυν ἐπιθυμοῦσιν ἐνδόξων τέκνων γενέσθαι πατράσιν ὑποθείμην ἂν ἔγωγε μὴ ταῖς τυχούσαις γυναιξὶ συνοικεῖν, λέγω δ' οἷον ἑταίραις ἢ παλλακαῖς· τοῖς γὰρ μητρόθεν ἢ πατρόθεν οὐκ εὖ γεγονόσιν ἀνεξάλειπτα παρακολουθεῖ τὰ τῆς δυσγενείας ὀνειδή παρὰ πάντα τὸν βίον καὶ πρόχειρα τοῖς ἐλέγχειν καὶ λοιδορεῖσθαι βουλομένοις.

Vamos examinar o que pode ser dito sobre a educação das crianças livres; se os pais utilizarem coisas boas, poderão mudar seus hábitos. Talvez seja melhor começar pelo nascimento. Então, aos pais que desejam gerar filhos honrados, eu próprio aconselharia a

não coabitarem com mulheres casuais, digo com cortesãs ou concubinas; pois, aos nascidos desse tipo de mãe ou pai, há indeléveis censuras por sua origem vulgar que os acompanham por toda a sua vida; também são vulneráveis aos que querem acusá-los e insultá-los. (PLUTARCO. *De lib. educ.* 1A-B)¹

Então, uma pequena árvore genealógica de seu biografado é traçada em grande parte de suas biografias, bem como a descrição de certas características físicas que lembram seus antepassados.² Plutarco nos fornece dados sobre o desenvolvimento da infância até a vida adulta de seu biografado, quando nos conta episódios que marcaram essa trajetória e associa as ações ao caráter de sua personagem. Ele reserva os últimos capítulos de suas biografias para narrar o modo como suas personagens morreram, momento em que analisa se o biografado conduziu bem sua vida ou não.³ Além de seguir a sequência narrativa de nascimento, vida e morte, Plutarco redige um prólogo no qual expõe suas justificativas para a escolha de suas personagens e a comparação entre elas.

Outro elemento essencial à narrativa plutarquiana encontra-se em seu conteúdo pedagógico, em sua percepção de que durante a leitura de uma biografia o leitor tem a oportunidade de aprender com homens ilustres do passado, de antever certas situações e vivê-las com sabedoria. Sobre esse assunto, temos as seguintes palavras:

ἀλλ' ἢ γ' ἀρετὴ ταῖς πράξεσιν εὐθύς οὕτω διατίθησιν, ὥσθ' ἅμα θαυμάζεσθαι τὰ ἔργα καὶ ζηλοῦσθαι τοὺς εἰργασμένους. [...] τὸ γὰρ καλὸν ἐφ' αὐτὸ πρακτικῶς κινεῖ καὶ πρακτικὴν εὐθύς ὀρμὴν ἐντίθησιν, ἡθοιοῦν οὐ τῇ μιμῆσει τὸν θεατὴν, ἀλλὰ τῇ ἱστορίᾳ τοῦ ἔργου τὴν προαίρεσιν παρεχόμενον.

Mas a virtude por suas ações logo nos coloca assim, para admirar os feitos e, ao mesmo tempo, emular os que os realizaram. [...] Pois o belo em si atrai com vigor e estimula logo um impulso prático,

¹ Tradução de Maria Aparecida de Oliveira Silva (PLUTARCO, 2015). O texto grego segue a edição de Patron et al (PLUTARCHUS, 1993). Para a tradução também foram consultadas as seguintes edições: PLUTARCH, 1988; PLUTARQUE, 1966; PLUTARQUE, 1976.

² Um exemplo é a descrição física que Plutarco faz de Marco Antônio: “Tinha a dignidade de um homem livre em sua aparência, uma barba nobre, uma frente larga e um nariz adunco, parecia com as pinturas e as estátuas de Hércules, com rostos similares por terem virilidade. E o relato antigo é que os Antônio eram Heraclidas, descendentes de Antônio, filho de Hércules.” (Προσῆν δὲ καὶ μορφῆς ἐλευθέριον ἀξίωμα, καὶ πῶγων τις οὐκ ἀγεννῆς καὶ πλάτος μετώπου καὶ γρυπότης μυκτῆρος ἐδόκει τοῖς γραφομένοις Ἡρακλέους προσώποις ἐμπερὲς ἔχειν τὸ ἀρρενωπὸν. ἦν δὲ καὶ λόγος παλαιὸς Ἡρακλείδας εἶναι τοὺς Ἄντωνίους, ἀπ' Ἄντωνος παιδὸς Ἡρακλέους γεγονότας.) (*Ant.* 4.1-3).

³ Plutarco nos remete ao pensamento de que é preciso conhecer o fim da vida de uma personagem para que se saiba se ela foi exitosa ou não, o que nos lembra o episódio do encontro entre Creso e Sólon, narrado por Heródoto em *Histórias*. 1.32.

formando o caráter do espectador não por imitação, mas pela investigação do fato, que lhe permite a decisão. (PLUTARCO. *Per.* 2.2-4)⁴

Por isso, o elemento mais importante para a análise do caráter de seu biografado é a educação. Plutarco observa se sua personagem foi educada à moda grega, se aprendeu os preceitos da παιδεία (*paideía*). Como Nerdahl (2011, p. 295-309) conclui em seu estudo sobre a biografia de Díon, a tônica de Plutarco é demonstrar como a educação de Díon,⁵ que aprendeu filosofia com o próprio Platão, foi decisiva na formação de seu caráter virtuoso.

Desse modo, as biografias atuam como exemplos de vida para o leitor e contribuem tanto para o conhecimento teórico como o prático, diferente da poesia, que é uma imitação. Por sua vez, a realidade se faz conhecer por meio da investigação, visto que é histórica, composta de fatos, não fruto da imaginação poética. Na escrita de Plutarco, a história valida o aprendizado da filosofia, pois seus biografados são avaliados conforme seu caráter, que é moldado de acordo com os ensinamentos filosóficos que obtiveram; a ausência de tais ensinamentos resulta em um caráter torpe, que leva a se tomar decisões impróprias para as circunstâncias porque é movido pelas paixões, não pela razão.

No prólogo da biografia de Timoleão, Plutarco coloca-se na posição de testemunha dos benefícios que recebeu das histórias contidas em sua narrativa biográfica por meio das ações de suas personagens, quando o autor se mostra um aprendiz, conforme lemos neste registro:

Ἐμοὶ τῆς τῶν βίων ἄψασθαι μὲν γραφῆς συνέβη δι' ἑτέρους, ἐπιμένειν δὲ καὶ φιλοχωρεῖν ἤδη καὶ δι' ἑμαυτόν, ὥσπερ ἐν ἐσόπτρῳ τῇ ἱστορίᾳ πειρώμενον ἀμῶς γέ πως κοσμεῖν καὶ ἀφομοιοῦν πρὸς τὰς ἐκείνων ἀρετὰς τὸν βίον. Οὐδενὶ γὰρ ἄλλ' ἢ συνδιαιτήσει καὶ συμβιώσει τὸ γινόμενον ἔοικεν, ὅταν ὥσπερ ἐπιξενούμενον ἕκαστον αὐτῶν ἐν μέρει διὰ τῆς ἱστορίας ὑποδεχόμενοι καὶ παραλαμβάνοντες ἀναθεωρῶμεν “ὄσσοις ἔην οἷός τε”, τὰ κυριώτατα καὶ κάλλιστα πρὸς γνῶσιν ἀπὸ τῶν πράξεων λαμβάνοντες.

⁴ Doravante, as traduções citadas que não foram publicadas são de minha autoria.

⁵ Não por acaso, Díon é comparado a Bruto, ambos libertadores de suas pátrias, tiranicidas que incentivaram a implementação de novos regimes políticos em seus territórios, com a ajuda dos ensinamentos obtidos no estudo da filosofia platônica, dado importante na avaliação plutarquiana, como lemos a seguir: “Desse modo, não é natural que nem romanos nem helenos reprovem a Academia, uma vez que igualmente tiram proveito desse escrito que abarca a vida de Bruto e a de Díon? Deles, um foi discípulo próximo de Platão, e o outro foi educado com os discursos de Platão, de modo que ambos saíram de uma única escola para as maiores disputas.) (οὕτως εἰκὸς τῇ Ἀκαδημείᾳ μήτε Ῥωμαίους μήτε Ἕλληνας ἐγκαλεῖν, ἴσον φερομένους ἐκ τῆς γραφῆς ταύτης, ἢ τὸν τε Βρούτου περιέχει βίον καὶ τὸν Δίωνος; ὣν ὁ μὲν αὐτῶν Πλάτωνι πλησιάσας, ὁ δὲ τοῖς λόγοις ἐντραφεῖς τοῖς Πλάτωνος, ὥσπερ ἐκ μιᾶς ὥρμησαν ἀμφοτέρω παλαιστράς ἐπὶ τοὺς μεγίστους ἀγῶνας.) (Dion 1.1-2). Conforme conclui Swain (1990), dentre os biografados romanos, Plutarco elogia Cícero, Catão e Bruto porque conhecem a filosofia platônica e desprezam a tirania.

“Φεῦ, φεῦ· τί τοῦτο χάριμα μεῖζον ἄν λάβοις,” πρὸς ἐπανόρθωσιν ἠθῶν ἐνεργότερον;

Quanto a mim, ao me debruçar sobre a escrita das vidas, foi para o êxito dos outros, já nisso perseverar e delas desfrutar foi por mim; tal como olhando em um espelho, por meio da história, tento de algum modo ordenar minha vida e reproduzir as virtudes daqueles. Pois parece que o ocorrido não foi nada além de uma convivência e uma vida em comum com eles, e quando isso acontece, é como se recebesse cada um deles, um por vez, através da história; quando o recebemos e o acolhemos, ponderamos “quão capaz ele foi”, e escolhemos as mais importantes e belas ações para conhecimento.

“Oh, oh! Que fonte de prazer haveria maior que essa”,⁶ mais eficaz para a correção dos costumes? (PLUTARCO, *Tim.* Prólogo, 1-3)

Na narrativa plutarquiana, a história produz belos exemplos e os povos atingem a felicidade cidadina quando seus líderes são sábios, não por serem somente amantes da filosofia, porque também são praticantes dos preceitos filosóficos. Nesse sentido, Plutarco responde a um discurso, existente desde o período clássico da Grécia e que se sustenta até a sua época, de que os filósofos pertencem à categoria dos inúteis, pois pensam, não agem. Plutarco entende que para mudar a história é preciso mudar o pensamento daqueles que comandam, é preciso educá-los com preceitos filosóficos. A compreensão das lições de vida dadas na composição das biografias plutarquianas passa pelo conhecimento que o leitor adquiriu, pois é necessário que este seja instruído para que possa decidir o que é bom e o que é ruim, porque conhece por meio da filosofia as concepções de bem e de mal; do mesmo modo, o leitor é capaz de descartar os relatos fantasiosos e apreender a verdade dos fatos por meio da razão filosófica.

2. O paralelo Demóstenes-Cícero

O estilo pedagógico de Plutarco nos auxilia a compreender melhor seus objetivos nos prólogos de suas biografias. O próprio nos esclarece os motivos que o levaram a escrever as biografias desses ilustres oradores, como lemos no prólogo da biografia de Demóstenes:⁷

⁶ Homero. *Il.* 24.630.

⁷ Para uma análise mais detalhada do prólogo da biografia de Demóstenes, consultar Zadorojnyi, 2006.

Διὸ καὶ γράφοντες ἐν τῷ βιβλίῳ τούτῳ, τῶν παραλλήλων βίων ὄντι πέμπτῳ, περὶ Δημοσθένους καὶ Κικέρωνος, ἀπὸ τῶν πράξεων καὶ τῶν πολιτειῶν τὰς φύσεις αὐτῶν καὶ τὰς διαθέσεις πρὸς ἀλλήλας ἐπισκεψόμεθα, τὸ δὲ τοὺς λόγους ἀντεξετάζειν καὶ ἀποφαίνεσθαι, πότερος ἡδίων ἢ δεινότερος εἶπειν, ἔάσομεν.

Por isso, ao escrever neste livro, que é o quinto das *Vidas Paralelas*, sobre Demóstenes e Cícero, examinaremos suas naturezas e disposições morais, uma em comparação à outra, a partir de suas ações e atividades políticas, mas a comparação de seus discursos, dizer qual dos dois é o mais agradável e hábil, deixaremos de lado essa explanação. (PLUTARCO. *Dem.* 3.1-2).

Notamos que Plutarco narra os acontecimentos e os analisa sob a perspectiva moral, e a história atua como pano de fundo para as ações de suas personagens (cf. SILVA, 2006), pois sua preocupação está em avaliar o agente histórico em ação por meio de sua origem e formação, manifestas em seu caráter, que é determinante em suas escolhas. Razão pela qual, logo nas primeiras linhas de seu prólogo da comparação de Demóstenes e Cícero, Plutarco afirma: “Portanto, esses foram os fatos dignos de memória, dentre os investigados por historiadores sobre Demóstenes e Cícero, que chegaram ao nosso conhecimento.” (Ἄ μὲν οὖν ἄξια μνήμης τῶν περὶ Δημοσθένους καὶ Κικέρωνος ἱστορουμένων εἰς τὴν ἡμετέραν ἀφίκται γνῶσιν, ταῦτ' ἐστίν.) (*Comp. Dem.-Cic.* 50.1).

Embora tenha afirmado que não compararia oradores, mas homens políticos, Plutarco traça uma breve comparação da arte retórica de Demóstenes e Cícero. E ele esclarece o motivo de ter caído em contradição com o afirmado no prólogo da biografia do orador ateniense, pois explica que “há também uma visibilidade do caráter de cada um deles nos discursos” (ἔστι δὲ τις καὶ τοῦ ἥθους ἐν τοῖς λόγοις ἑκατέρου δίοψις.) (*Comp. Dem.-Cic.* 50.4). Vejamos a comparação:

ἀφεικῶς δὲ τὸ συγκρίνειν τὴν ἐν τοῖς λόγοις ἔξιν αὐτῶν, ἐκεῖνό μοι δοκῶ μὴ παρήσειν ἄρητον, ὅτι Δημοσθένης μὲν εἰς τὸ ρητορικὸν ἐνέτεινε πᾶν ὅσον εἶχεν ἐκ φύσεως ἢ ἀσκήσεως λόγιον, ὑπερβαλλόμενος ἐναργεῖα μὲν καὶ δεινότητι τοὺς ἐπὶ τῶν ἀγῶνων καὶ τῶν δικῶν συνεξεταζομένους, ὄγκῳ δὲ καὶ μεγαλοπρεπείᾳ τοὺς ἐπιδεικτικούς, ἀκριβεῖα δὲ καὶ τέχνη τοὺς σοφιστάς· Κικέρων δὲ καὶ πολυμαθὴς καὶ ποικίλος τῇ περὶ τοὺς λόγους σπουδῇ γενόμενος, συντάξεις μὲν ἰδίας φιλοσόφους ἀπολέλοιπεν οὐκ ὀλίγας εἰς τὸν Ἀκαδημαϊκὸν τρόπον, οὐ μὴν ἀλλὰ καὶ διὰ τῶν πρὸς τὰς δίκας καὶ τοὺς ἀγῶνας γραφομένων λόγων δῆλός ἐστιν ἐμπειρίαν τινα γραμμάτων παρενδείκνυσθαι βουλόμενος.

Embora tenha me recusado a comparar a habilidade deles nos discursos, eu penso que há algo que não se pode deixar passar nem ficar sem dizer: que Demóstenes aplicou tudo que possuía por natureza ou por exercício à arte retórica, e ultrapassava em clareza e talento oratório os que disputavam com ele nos debates políticos e nos processos; em magnificência e esplendor, os oradores pomposos e, em precisão e arte, os sofistas; enquanto Cícero tornou-se muito instruído e multifacetado por seu empenho nos discursos, deixou não poucos tratados típicos dos filósofos voltados ao estilo da Academia; mas, certamente, também por meio dos discursos escritos para os processos e debates políticos, é evidente que desejava mostrar neles certo conhecimento de literatura. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 50.1-4).

Nessa breve comparação das habilidades retóricas de Demóstenes e Cícero, Plutarco descreve dois grandes oradores com características distintas, centrando-se nas principais diferenças comportamentais e oratórias, e confere ênfase ao fato de que estudaram e praticaram a arte retórica observando preceitos filosóficos para desenvolver sua ἕξις (*héxis*).⁸ Plutarco entende que Demóstenes se voltou completamente à arte retórica desde a infância, assim conhecia com maestria seus preceitos e sabia como expor com propriedade os seus argumentos, enquanto Cícero se interessou por diferentes gêneros literários, escreveu tratados filosóficos e exibiu grande erudição em seus discursos.

Em seguida, Plutarco opina sobre o caráter manifesto nos discursos dos oradores:

δοκεῖ δὲ καὶ γέλωτος οἰκεῖος ὁ Κικέρων γεγονέναι καὶ φιλοσκώπτῃς, τό τε πρόσωπον αὐτοῦ μειδίαμα καὶ γαλήνη κατεῖχε· τῷ δὲ Δημοσθένους αἰεὶ τις ἐπὶ σπουδῇ, καὶ τὸ πεφροντικὸς τοῦτο καὶ σύννου οὐ ῥαδίως ἀπέλειπεν·

Parece também que Cícero, por sua própria natureza, era dado ao gracejo e à zombaria, o seu rosto tinha o ar sorridente e tranquilo; e Demóstenes sempre tinha um certo ar sério e não abandonava com facilidade esse ar pensativo e apreensivo. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 50.6).

⁸ ἕξις (*héxis*) é a capacidade adquirida pela experiência, algo que se obtém, pois deriva do verbo ἔχω (*ékhō*), que nos leva ao sentido de “ter”, “obter” ou “possuir”. Em razão disso, ἕξις (*héxis*) também significa “posse” ou “a coisa possuída/obtida”; por extensão, significa também “habilidade”. Quintiliano define ἕξις (*héxis*) como “uma firme facilidade em falar” (*dicendi ... firma quaedam facilitas*) que é adquirida “escrevendo, lendo e discursando” (*scribendo [...] legendo [...] dicendo*). (QUINTILIANO, *Inst. Or.* 10.1).

Na sequência das oposições entre os oradores, Plutarco segue afirmando que a oratória de Demóstenes é poderosa,⁹ séria e intensa, ainda que amarga e mal-humorada, e que a de Cícero é irônica e bem-humorada e sempre transgride suas propriedades (*Comp. Dem.-Cic.* 50.4-6; *Dem.* 4.8; *Dem.* 11.4; *Cic.* 5.6). É curioso notar que Demóstenes nem mesmo era considerado o maior orador grego na opinião de Plutarco,¹⁰ pois este afirma que o orador era o melhor de sua época, mas não superava Fócion (*Dem.* 14.3). A postura de Demóstenes denota uma maturidade em seu ofício, certa experiência (ἐμπειρίαν τινά), como se Cícero ainda fosse uma criança, que graceja nos tribunais e se comporta como adolescente (διαμειρακιεύμενος) com os sofistas (*Comp. Dem.-Cic.* 52).¹¹ Este ponto de vista reforça o pensamento plutarquiano de que as artes, a literatura, a história, a filosofia, a arquitetura e, principalmente, a educação são as grandes contribuições dos gregos para a suntuosidade do Império Romano. Em suma, foram os gregos que ensinaram Cícero a ser um grande orador romano, mas ainda incipiente se comparado a um grande orador grego.

Em seu tratado *Da educação das crianças*, Plutarco afirma que boa origem e bons professores não são suficientes para garantir a boa formação das crianças; é preciso ainda ter estes três elementos: natureza (φύσις/*phýsis*), razão (λόγον/*lógon*) e costume (ἔθος/*éthos*),¹² que assim define:

68

καλῶ δὲ λόγον μὲν τὴν μάθησιν, ἔθος δὲ τὴν ἄσκησιν. εἰσὶ δ' αἱ μὲν ἀρχαὶ τῆς φύσεως, αἱ δὲ προκοπαὶ τῆς μαθήσεως, αἱ δὲ χρήσεις τῆς μελέτης, αἱ δ' ἀκρότητες πάντων. [...] ἡ μὲν γὰρ φύσις ἄνευ μαθήσεως τυφλόν, ἡ δὲ μάθησις δίχρα φύσεως ἐλλιπές, ἡ δ' ἄσκησις χωρὶς ἀμφοῖν ἀτελής.

Chamo razão o aprendizado e o costume o exercício. São os princípios da natureza: a evolução pela instrução, o proveito pelo cuidado e a excelência por esses todos. [...] A natureza sem estudo é cega, a lição sem a natureza é insuficiente e o exercício sem ambos é incompleto. (PLUTARCO. *De lib. educ.* 2A-B)

⁹ Sobre essa afirmação feita por Plutarco em *Dem.* 11.4, há um interessante artigo de Westwood, 2017.

¹⁰ Ao afirmar que Fócion era melhor que Demóstenes, Plutarco ironiza Cícero que se iguala a Demóstenes, considerando o orador ateniense como o melhor dos gregos, em seus discursos *Bruto e Orador*. Para mais detalhes, consultar Bishop, 2016, p. 169.

¹¹ Polman (1974, p. 171) tem uma perspectiva interessante sobre essa maturidade que Plutarco atribui a alguns de seus biografados. No seu entender, os biografados são avaliados, especialmente, dos 40 aos 60 anos, que seria o auge de sua carreira. Se pensarmos sob este ponto de vista, a inclinação de Demóstenes aos discursos e o tempo dedicado à arte retórica sustentam sua excelência e o colocam à frente de Cícero, que não a havia praticado por tanto tempo.

¹² ἔθος/*éthos* é o costume adquirido pela tradição, que revela os hábitos e as habilidades de seu povo.

Portanto, a boa origem, que está relacionada à natureza, é apenas um indicativo de que a educação encontrará um terreno fértil em que o semeador desfrutará das condições ideais para o seu cultivo. No entanto, como na agricultura, é preciso que o semeador esteja atento aos afazeres necessários para que essa semente se desenvolva e passe a dar bons frutos. Assim, o autor argumenta: “A terra é boa por natureza; mas, se descuidada, é improdutiva e arruinada” (ἀγαθὴ γῆ πέφυκεν· ἀλλ’ ἀμεληθεῖσα χερσεύεται) (PLUTARCO. *De lib. educ.* 2D). Ao refletir sobre essas questões, Plutarco revela sua confiança na eficiência da παιδεία (*paideía*) na formação humana, como um instrumento capaz de aperfeiçoar sua natureza em suas várias manifestações, questão que Jaeger assim resume:

chegou-se à convicção de que a natureza (φύσις) é o fundamento de toda a educação possível. A obra educadora realiza-se por meio do ensino (μάθησις), da doutrinação (διδασκαλία) e do exercício (ἄσκησις), que faz do que foi ensinado uma segunda natureza. É um esboço de síntese do ponto de vista da *paidéia* aristocrática e do racionalismo, operado através do abandono da ética aristocrática de sangue. (JAEGER, 1995, p. 356-357)

Não por acaso, Plutarco afirma que “é um bom sinal quando a indolência é esmagada com trabalho e exercício” (σημεῖον οὐ φαῦλόν ἐστιν ἐκθλιβομένης πόνῳ καὶ ἀσκήσει τῆς ῥαθυμίας), pois mostra que se está no caminho que levará à virtude. (*De prof. in uirt.* 76F). As escolhas lexicais de Plutarco nos levam a crer que a excelência de Demóstenes resulta do tempo e do espaço em que viveu e que foi decisiva na formação de seu caráter. A formação incompleta ou indigna de um aristocrata foi superada por sua dedicação desde a infância ao estudo e à prática da arte retórica.

No caso de Cícero, que viveu à época do florescimento da arte retórica entre os romanos, o orador não dispunha do ambiente ideal, mas contava com o auxílio de seus professores e da produção literária dos antigos gregos, em seus mais diversos gêneros. A oratória praticada no período de Plutarco não revela a mesma maestria da época de Cícero em razão de a filosofia não despertar o interesse dos jovens, que preferem o aprendizado somente da oratória. E, segundo Plutarco, o aprendizado da retórica deve ser posterior ao da filosofia, para que se perdesse a superficialidade no discurso. Ao elogiar o orador Cícero por ter escrito à moda da Academia, por ter estudado poesia, filosofia e retórica, Plutarco discursa a favor do aprendizado da filosofia de Platão para a formação de seu biografado, para que atinja o mais alto grau de virtude e desempenhe suas habilidades com excelência.

O recurso retórico da comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*), que Plutarco utiliza, traz avaliações comparativas do caráter de seus pares que apontam suas semelhanças e diferenças, bem como suas circunstâncias históricas. Larmour (2014, p. 405) argumenta que Plutarco pontua as diferenças entre seus biografados em suas comparações e que estabelece diferentes níveis entre elas. O autor lembra que a comparação é um preceito retórico¹³ que estabelece um jogo de comparar e contrastar as ações de seus biografados. Larmour (2014, p. 406-407) continua sua exposição levantando alguns argumentos sobre a finalidade dessas comparações, como a percepção de que Plutarco pretende analisar a história romana sob as lentes gregas, além de construir modelos morais e filosóficos, com Alexandre, Demóstenes e Sólon, entre outros. A nosso ver, Plutarco tece as comparações para comprovar a eficiência da filosofia platônica no plano prático, na realidade, e para demonstrar o quanto um agente histórico pode interferir nos rumos de sua cidade, levando-a à glória ou ao abismo. Convém lembrar que há outros elementos que Plutarco observa em sua análise, como origem e educação.¹⁴

Na comparação de Demóstenes e Cícero, Plutarco também marca as oposições, pois temos Demóstenes como um exímio orador que se mostra afeito ao dinheiro, enquanto Cícero o desdenha (*Comp. Dem.-Cic.* 52.3), mas é excessivamente apegado à glória (*Comp. Dem.-Cic.* 51.3). Plutarco assinala que Demóstenes não ocupou cargos importantes nem esteve à frente de um exército como Cícero, o que contribuiu para que o orador ateniense não fosse tão aclamado (*Comp. Dem.-Cic.* 52.2). O exílio que ambos sofreram também teve efeitos distintos: para Demóstenes, trouxe infâmia e vergonha, já a Cícero, notoriedade e glória, ainda que o orador romano tenha se isolado e o ateniense tenha estabelecido laços políticos com diversas cidades (*Comp. Dem.-Cic.* 53.2-3).

Plutarco encerra a comparação dos oradores com a seguinte avaliação:

Ἐπὶ πᾶσι δὲ τῆς τελευτῆς τὸν μὲν οἰκτίσαι τις ἄν, ἄνδρα πρεσβύτην δι' ἀγέννειαν ὑπ' οἰκετῶν ἄνω καὶ κάτω περιφερόμενον καὶ φεύγοντα τὸν θάνατον καὶ ἀποκρυπτόμενον τοὺς οὐ πολὺ πρὸ τῆς φύσεως ἦκοντας ἐπ' αὐτόν, εἴτ' ἀποσφαγέντα· τοῦ δ', εἰ καὶ μικρὰ πρὸς τὴν ἰκεσίαν ἐνέδωκεν, ἀγαστὴ μὲν ἢ παρασκευὴ τοῦ φαρμάκου καὶ τήρησις, ἀγαστὴ δ' ἢ χρῆσις, ὅτι τοῦ θεοῦ μὴ παρέχοντος αὐτῷ τὴν ἀσυλίαν, ὥσπερ ἐπὶ μείζονα βωμὸν καταφυγῶν, ἐκ τῶν ὄπλων καὶ τῶν δορυφόρων λαβὼν ἑαυτὸν ὥχεται, τῆς Ἀντιπάτρου καταγελάσας ὠμότητος.

¹³ Chrysanthou (2018) analisa o prólogo das biografias de Demóstenes e Cícero e conclui que Plutarco utiliza outro expediente retórico que é a periautologia, isto é, o biografista insere informações sobre si para atrair a atenção e a cumplicidade de seu leitor.

¹⁴ Para compreender a importância da educação na composição plutarquiana, consultar Xenophontos, 2013.

Ao cabo de tudo, de um poderia se ter piedade de sua morte; era um homem idoso, por falta de dignidade, era transportado para cima e para baixo pelos escravos domésticos, fugia da morte, escondia-se dos que não muito antes da natureza¹⁵ vinham contra ele e, nessas circunstâncias, foi degolado; e do outro, ainda que tenha se diminuído um pouco na condição de suplicante, é admirável a sua preparação e conserva do veneno, e admirável o seu uso, porque o deus não lhe propiciou um refúgio inviolável, de modo que se refugiou em um altar maior, desapareceu no meio das armas e dos guardas e zombou da crueldade de Antípatro. (PLUTARCO. *Comp. Dem.-Cic.* 54.1-2)

Os acontecimentos finais que envolveram os biografados indicam que a astúcia que Cícero tanto demonstrava em seus discursos não teve lugar no momento de sua morte, ao passo que Demóstenes revelou a astúcia de um Odisseu ao enganar seus inimigos e vencê-los sem o uso da força. Portanto, o orador ateniense soube fazer melhor uso de sua inteligência até os últimos dias de sua vida.

3. Demóstenes

Sobre o orador ateniense, Plutarco afirma que sua eloquência advém da combinação de sua natureza (ἐκ φύσεως/*ek phýseōs*) com seu exercício constante¹⁶ dos preceitos retóricos (ἀσκήσεως/*askéseōs*), como se sua descendência helênica lhe desse o lugar, o espaço e o tempo ideais para o desenvolvimento de uma habilidade que se revela uma característica de seu povo. Xenophontos (2016, p. 24) afirma que Plutarco entende que o caráter e a mudança de caráter de um biografado dependem de uma ética individual e coletiva embasada na educação. Portanto, na composição das biografias de Demóstenes e Cícero, como conclui Beneker (2016, p. 147), Plutarco deixa claro ao leitor que o lugar em que se nasce também influencia na formação do caráter.

Com relação à natureza (φύσις/*phýsis*), esta não determina a qualidade do orador – é preciso exercitá-la, pois a arte retórica necessita de técnica, de aprimoramento por meio do exercício contínuo de seus preceitos. Plutarco conta que Demóstenes perdeu seu pai aos sete anos – idade em que se inicia a formação de uma criança grega –, e que sua herança foi confiada aos seus tutores, mas estes

¹⁵ Por conta da idade avançada, foi degolado pouco antes de sua morte natural.

¹⁶ ἀσκησις (*askēsis*) é o “exercício”, a “prática” ou “treinamento”. Chantraine (1968, s.v.) esclarece que o verbo ἀσκέω (*askēō*) é utilizado em Homero para o trabalho com lã ou metal, fabricação de um arco ou uma construção e, à época clássica, passou ao campo esportivo e depois associado à vida moral e religiosa a partir de Fílon de Alexandria.

prejudicaram seu aprendizado com o roubo de seu patrimônio. Diante desses acontecimentos, Plutarco afirma que Demóstenes não recebeu a educação digna de um homem livre (ἐλεύθερος/*eleútheros*), tornando-se um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução (*Dem.* 4.3-4).

É preciso relativizar as assertivas plutarquianas, pois de seu discurso depreendemos que a família do orador perdeu seu posto na aristocracia ateniense e, por isso, alguns acreditavam que sua educação havia sido prejudicada. A nosso ver, a educação de Demóstenes pode ser considerada incompleta, o que não o tornaria completamente sem instrução, visto que recebeu as primeiras lições, como o próprio Plutarco registra em *Dem.* 4.4. Outro ponto a ser considerado é que Demóstenes, em resposta ao orador Ésquines, afirma que “assim, quando eu era criança, Ésquines, comecei a frequentar as escolas apropriadas, e tenho o que preciso para não ter passado nenhuma vergonha por necessidade.” (Ἐμοὶ μὲν τοίνυν ὑπῆρξεν, Αἰσχίνῃ, παιδὶ μὲν ὄντι φοιτᾶν εἰς τὰ προσήκοντα διδασκαλεῖα, καὶ ἔχειν ὅσα χρὴ τὸν μηδὲν αἰσχροὺν ποιήσοντα δι' ἔνδειαν.) (*De Cor.* 257.1-5).

Notamos aqui dois discursos sobre a riqueza do pai de Demóstenes, um que o coloca como um inferior, porque não atingiu o nível esperado para um homem livre, pois, durante sua infância, não recebeu a educação destinada aos aristocratas de sua época, visto que seu pai morreu quando ainda estava nos primeiros anos de sua educação; e o outro é o do próprio Demóstenes que se defende argumentando que em nada havia sido prejudicado em sua educação, que havia recebido uma formação completa, que não era, portanto, um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução. Com a circulação desses dois discursos, os autores se serviam daquele que atendessem seus objetivos. No caso de Plutarco, este prefere acreditar que a natureza de Demóstenes facilitou seu aprendizado, a despeito de ser um ἀπαίδευτος (*apaídeutos*), um sem instrução, pois o orador possuía natureza (φύσις/*phýsis*), razão (λόγον/*lógon*) e costume (ἔθος/*éthos*) para receber os poucos preceitos da educação grega que adquiriu em sua infância, e direcioná-los para sua formação de orador. Além disso, para Plutarco, a excelência de sua arte foi adquirida por Demóstenes ter se dedicado ao exercício constante (ἄσκησις/*áskēsis*) de suas habilidades.

4. Cícero

Da descrição plutarquiana de Cícero, depreendemos que o orador romano não nasceu com uma natureza (φύσις/*phýsis*) que o auxiliasse em sua formação, como Demóstenes,¹⁷ mas que a moldou com o conhecimento. A busca incansável de Cícero pela erudição o tornou “muito instruído e multifacetado” (πολυμαθής

¹⁷ Plutarco conta que Demóstenes se interessou pela arte retórica desde a infância, que abandonou as brincadeiras infantis para se dedicar ao estudo e ao exercício da arte retórica (*Dem.* 5.4-5).

καὶ ποικίλος/ *polymathês kai poikílos*). O substantivo πολυμαθής (*polymathês*) é uma combinação de πολύς (*polýs*), que significa “muito”, e μανθάνω (*manthánō*), que é o verbo “aprender”, o que nos leva a este substantivo que designa “aquele que aprende muito sobre muitos assuntos” ou “muito instruído”. Já ποικίλος (*poikílos*) tem suas primeiras ocorrências em Homero e elas estão relacionadas às cores de tecidos e armas utilizadas pelos guerreiros, também ao colorido das pelagens dos animais, das flores, das pinturas dos pórticos. Assim, por metáfora, o termo se estende aos adjetivos “mutável”, “complicado” e, quando se trata de pessoas, significa “astucioso”, o mesmo adjetivo que Hesíodo (*Teog.* 511) utilizou para se referir a Prometeu (cf. Chantraine, 1968, *s.v.*). Esta ideia de “astucioso” atribuída a Prometeu, a nosso ver, remete a um tipo de inteligência que possui a capacidade de tramar e manipular palavras e fatos para atingir seu objetivo. Optamos por “multifacetado” para marcar o uso que Cícero faz de diversos autores em seus escritos, pois, como Plutarco afirma: “é evidente que desejava mostrar neles certo conhecimento de literatura” (δῆλός ἐστιν ἐμπειρίαν τινὰ γραμμάτων παρενδείκνυσθαι βουλόμενος).

Também é possível entender ποικίλος (*poikílos*) como “astucioso” ou, como sugere Rocci (1993, *s.v.*), “ardiloso”, pois é interessante notar a astúcia argumentativa de Cícero na composição de suas obras, como Plutarco argumenta nas linhas seguintes. Portanto, Plutarco se mostra ambíguo e nos leva a crer nesta duplicidade de sentido que ποικίλος (*poikílos*) assume em seu discurso: por um lado, um orador que diversificava sua composição com o uso de diversos gêneros literários, por outro, também era ardiloso na escolha das palavras e das referências a serem feitas em seus discursos, como Prometeu.

Embora Cícero não tenha estudado e exercitado os preceitos retóricos desde a infância, como Demóstenes, dedicou-se com afinco à arte poética (*Cic.* 2.2-3). Em sua adolescência, estudou com o filósofo Filon da Academia, que conhecia filosofia e retórica e era muito respeitado pelos romanos (*Cic.* 3.1). Cícero não era grego como Demóstenes, não nascera no lugar de nascimento e prática corrente da arte retórica,¹⁸ pois alguns romanos de sua época já apreciavam a oratória, mas “os mais rudes se irritavam com seus filhos quando viam Cícero no meio deles, porque o tratavam com honra” (τοὺς δ' ἀγροικότερους ὀργίζεσθαι τοῖς υἱέσιν, ὀρῶντας ἐν ταῖς ὁδοῖς τὸν Κικέρωνα μέσον αὐτῶν ἐπὶ τιμῇ λαμβάνοντας.) (*Cic.* 2.2). A arte retórica de Cícero é o resultado de um longo aprendizado da praticada entre os gregos; seus mestres são seus professores e seus livros. Cícero foi o primeiro romano a escrever sobre os preceitos da arte

¹⁸ A arte retórica foi introduzida em Atenas no século V a.C., atribui-se tal feito a Górgias de Leontinos, que a utilizava em discursos políticos e tribunais. Demóstenes nasceu em 384 a.C., ou seja, cerca de cem anos após seu surgimento.

retórica¹⁹ que não teve sua formação na Grécia, mas que recebeu a educação grega através dos textos, porque se empenhou em conhecer a produção literária dos antigos gregos na sua formação de orador.

Conclusões

As biografias plutarquianas são compostas de pares que são comparados, exceto as de Árato, Artaxerxes, Oto e Galba. Algumas biografias como as de Hércules, Augusto, Cipião Africano e Nero foram perdidas. Somente cinquenta chegaram até nós, vinte e três pares e quatro individuais. Das comparações, temos apenas dezessete pares e a comparação das duplas Ágis e Cleômenes com os irmãos Tibério e Caio Graco. As comparações formam um conjunto à parte na narrativa biográfica de Plutarco, pois a crítica às ações de suas personagens se torna mais incisiva, porque já conhecemos o fim de suas vidas. No entanto, a comparação (σύγκρισις/*sýnkrisis*) estabelecida por Plutarco não coteja somente os feitos de seus biografados. O sentido de “combinação” que a palavra tem lhe permite compor paralelos que combinem personagens de contextos distintos, mas com atuações que se assemelham no campo político. Porque σύγκρισις/*sýnkrisis* também tem o sentido de “interpretar por conjectura”, Plutarco compara as ações e as intenções de suas personagens, de onde tece reflexões sobre o caráter dos comparados. E porque σύγκρισις/*sýnkrisis* ainda tem sentido de “decisão”, Plutarco também decide quem se saiu melhor diante das adversidades em suas comparações.

74

Os paralelos plutarquianos nos trazem informações e reflexões nem sempre expostas nas biografias de suas personagens. Por isso, é importante analisar a comparação de Demóstenes e Cícero, como um estudo de caso, para compreender sua estrutura e as escolhas feitas por Plutarco na tessitura de sua narrativa. Entender a complexidade de seus paralelos, que não foram escolhidos aleatoriamente, todos dialogam entre si, no campo histórico, filosófico e outros, portanto passíveis de múltiplos níveis de comparações entre si. Por exemplo, não há casualidade na escolha da comparação de Teseu, o herói do sinecismo de Atenas, com Rômulo, o pai de Roma, pois ambos são mitos fundadores. Outro exemplo são as biografias de Díon e Bruto em que Plutarco compara as circunstâncias nas quais ambos foram libertadores de seu povo: Díon, o salvador de Siracusa, ao derrotar Dionísio I, e Bruto, o salvador de Roma, ao eliminar o ditador Júlio César.

¹⁹ Plutarco mostra ao seu leitor que a arte retórica nasceu na Grécia antiga e que Cícero, por sua inteligência e curiosidade, aprendeu com os gregos e a trouxe para os romanos, já com as características peculiares à língua e à cultura dos romanos, mas sem perder a base que lhe foi dada pelos antigos gregos. Para as contribuições dos gregos no Império Romano, consultar Silva (2014).

Agradecimentos

Agradeço aos pareceristas por suas leituras cuidadosas, que em muito me auxiliaram no aperfeiçoamento deste texto, e às professoras Talita Juliani (Unifesp) e Carol Rocha (UFJF) por seu honroso convite para participar deste importante dossiê.

REFERÊNCIAS

BENEKER, Jeffrey. The Nature of Virtue and the Need for Self-Knowledge in Plutarch's *Demosthenes-Cicero*. In: OPSOMER, J.; ROSKAM, G.; TITCHENER, F. B. (org.). **A versatile gentleman consistency in Plutarch's writing studies offered to Luc van der Stockt on the occasion of his retirement**. Leuven: Leuven University Press, 2016, p. 147-160.

BISHOP, Caroline. How to Make a Roman Demosthenes: Self-Fashioning in Cicero's Brutus and Orator. **The Classical Journal**. Athens, v. 111, n. 2, p. 167-192, December 2015-January 2016.

CHANTRAINE, Pierre. **Dictionnaire étymologique de la langue grec - Histoire des mots**. Paris: Klincksieck, 1968.

75

CHRYSANTHOU, Chrysanthos S. Plutarch's Rhetoric of periautologia: Demosthenes 1-3. **The Classical Journal**. Athens, v. 113, n. 3, p. 281-301, February-March 2018.

DEMOSTHENES. **On the crown**. Edited by Harvey Yunis. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

JAEGER, Werner. **Paidéia: a formação do homem grego**. 3. ed. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

LARMOUR, David H. J. The *Synkrisis*. In: BECK, Mark (org.). **Companion to Plutarch**. Malden/Oxford: Wiley Blackwell, 2014, p. 405-416.

NERDAHL, Michael. Flattery and Platonic Philosophy: The Limits of Education in Plutarch's *Life of Dion*. **Classical World**. Cambridge, v. 104, n. 3, p. 295-309, 2011.

PELLING, Christopher. Aspects of Plutarch's Characterisation. **Illinois Classical Studies**. Champaign, v. 13, n. 2, p. 257-274, Fall, 1988.

PLUTARCH. **The life of Cicero**. Introduction, translation and commentary by J. L. Mores. Warminster: Aris & Philips, 1988.

PLUTARCHUS. *Moralia*, vol. 1. W. R. Paton; M. Pohlenz; W. Wegehaupt e H. Gärtner. Leipzig: Teubner, 1993.

PLUTARQUE. **Vies**. Tome IV. Timoléon-Paul Émile. Texte établi et traduit par Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1966.

PLUTARQUE. **Vies**. Tome XII. Démosthène - Cicéron. Texte établi et traduit par Robert Flacelière e Émile Chambry. Paris: Les Belles Lettres, 1976.

PLUTARCO. **Da educação das crianças**. Tradução, introdução e notas de Maria Aparecida de Oliveira Silva. São Paulo: Edipro, 2015.

POLMAN, G. H. Chronological Biography and Akme in Plutarch. **Classical Philology**. Chicago, v. 69, n. 3, Jul., 1974, p. 169-177.

ROCCI, Lorenzo. **Vocabulário Greco Italiano**. 37^a ed. Roma: Società Editrice Dante Alighieri, 1993.

76

SILVA, M. A. O. **Plutarco e Roma: o mundo grego no Império**. São Paulo: Edusp, 2014.

SILVA, M. A. O. **Plutarco Historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.

SWAIN, Simon. Plutarch's Lives of Cicero, Cato, and Brutus. **Hermes: Zeitschrift für klassische Philologie**. Wiesbaden, vol. 118, n. 2, 1990, p. 192-203.

WESTWOOD, Guy. Plutarch's Aesion: A Note on Plutarch, Demosthenes 11.4. **Mnemosyne**. Leiden, Fourth Series, v. 70, fasc. 2, 2017, p. 316-324.

XENOPHONTOS, Sophia A. **Ethical education in Plutarch**. Moralizing agents and contexts. Berlin/Boston: De Gruyter, 2016.

XENOPHONTOS, Sophia A. Imagery and Education in Plutarch. **Classical Philology**. Chicago, v. 108, n. 2, April, 2013, p. 126-138.

ZADOROJNYI, Alexei V. King of his Castle: Plutarch, "Demosthenes" 1-2. **The Cambridge Classical Journal**. Cambridge, v. 52, January, 2006, p. 102-127.

Data de envio: 17/07/2022

Data de aprovação: 23/10/2022

Data de publicação: 31/10/2022